



**A SECA, A MISÉRIA E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SOCIEDADE
BRASILEIRA DO SÉC. XIX: A NORMALISTA, DE ADOLFO CAMINHA**

**DROUGHT, POVERTY, AND VIOLENCE AGAINST WOMEN IN 19TH-CENTURY
BRAZILIAN SOCIETY: A NORMAL SCHOOL STUDENT, BY ADOLFO CAMINHA**

**SEQUÍA, POBREZA Y VIOLENCIA CONTRA LAS MUJERES EN LA SOCIEDAD
BRASILEÑA DEL SIGLO XIX: UNA ESTUDIANTE DE ESCUELA NORMAL, POR
ADOLFO CAMINHA**



10.56238/sevenVIIImulti2026-062

Ana Cristina Alves de Paula Barreto

Doutoranda em Letras

Instituição: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de São José do Rio Preto

E-mail: ana.c.paula@unesp.br

RESUMO

O romance *A normalista* (1893), de Adolfo Caminha, constitui uma das obras mais expressivas do Naturalismo brasileiro, ao conjugar rigor estético com denúncia social. Inserido no contexto urbano de Fortaleza do final do século XIX, o enredo transcende a trajetória individual de sua protagonista para expor um quadro social marcado pela seca, pela miséria e pela violência contra a mulher. A narrativa revela como a seca, mesmo não ocupando o centro da trama, configura-se como elemento estruturador da pobreza e da migração, ampliando o contingente de marginalizados nas cidades e intensificando as desigualdades. Esse processo aprofunda o ambiente de precariedade material e simbólica, dentro do qual a violência de gênero assume dimensão estrutural. Caminha, ao articular os pressupostos naturalistas com a realidade brasileira, constrói uma crítica contundente às engrenagens de uma sociedade regida pela hipocrisia e pelo patriarcalismo. A protagonista encarna a condição da mulher subalternizada, aprisionada em um sistema que, sob o discurso da moralidade e da honra, legitimava abusos e violências. A obra, assim, não apresenta tais violências como exceções, mas como práticas sistemáticas e institucionalizadas. Essa abordagem insere-se na tradição naturalista inspirada por Zola, mas ganha contornos singulares ao denunciar problemas específicos do Brasil, como a persistência da miséria decorrente da seca e o peso das estruturas patriarcais. Sob a perspectiva crítica de Antoine Compagnon, *A normalista* reafirma a oscilação entre estética e engajamento, funcionando simultaneamente como documento social e como construção literária. Caminha alia o determinismo naturalista à crítica moral, demonstrando que a literatura pode ser instrumento de reflexão ética e política. Assim, o romance ultrapassa seu tempo histórico, permanecendo atual pela forma como tematiza a violência contra a mulher e a desigualdade social, questões ainda presentes no Brasil contemporâneo. Nesse sentido, *A normalista* confirma a força do Naturalismo brasileiro ao retratar, de modo rigoroso e engajado, os dilemas de uma sociedade em crise.

Palavras-chave: Naturalismo. *A Normalista*. Seca. Violência Contra a Mulher.

ABSTRACT

Adolfo Caminha's novel *A Normalista* (1893) is one of the most expressive works of Brazilian Naturalism, combining aesthetic rigor with social denunciation. Set in the urban context of Fortaleza at the end of the 19th century, the plot transcends the individual trajectory of its protagonist to expose a social landscape marked by drought, misery, and violence against women. The narrative reveals how drought, even without occupying the center of the plot, is a structuring element of poverty and migration, expanding the number of marginalized people in cities and intensifying inequalities. This process deepens the environment of material and symbolic precariousness, within which gender violence assumes a structural dimension. By articulating Naturalist assumptions with Brazilian reality, Caminha constructs a powerful critique of the mechanisms of a society governed by hypocrisy and patriarchalism. The protagonist embodies the condition of the subjugated woman, imprisoned in a system that, under the discourse of morality and honor, legitimized abuse and violence. The work, therefore, does not present such violence as exceptions, but as systematic and institutionalized practices. This approach is part of the naturalist tradition inspired by Zola, but takes on unique contours by denouncing specific problems in Brazil, such as the persistence of misery resulting from drought and the weight of patriarchal structures. From the critical perspective of Antoine Compagnon, *A Normalista* reaffirms the oscillation between aesthetics and engagement, functioning simultaneously as a social document and as a literary construction. Caminha combines naturalist determinism with moral critique, demonstrating that literature can be an instrument of ethical and political reflection. Thus, the novel transcends its historical time, remaining relevant in the way it addresses violence against women and social inequality, issues still present in contemporary Brazil. In this sense, *A Normalista* confirms the strength of Brazilian Naturalism by portraying, in a rigorous and engaged manner, the dilemmas of a society in crisis.

Keywords: Naturalism. *A Normalista*. Drought. Violence Against Women.

RESUMEN

La novela *A Normalista* (1893) de Adolfo Caminha es una de las obras más expresivas del naturalismo brasileño, combinando rigor estético con denuncia social. Ambientada en el contexto urbano de Fortaleza a finales del siglo XIX, la trama trasciende la trayectoria individual de su protagonista para exponer un panorama social marcado por la sequía, la miseria y la violencia contra la mujer. La narrativa revela cómo la sequía, aun sin ocupar el centro de la trama, es un elemento estructurante de la pobreza y la migración, expandiendo el número de personas marginadas en las ciudades e intensificando las desigualdades. Este proceso profundiza el entorno de precariedad material y simbólica, dentro del cual la violencia de género adquiere una dimensión estructural. Al articular los supuestos naturalistas con la realidad brasileña, Caminha construye una poderosa crítica a los mecanismos de una sociedad gobernada por la hipocresía y el patriarcalismo. La protagonista encarna la condición de la mujer subyugada, prisionera de un sistema que, bajo el discurso de la moral y el honor, legitima el abuso y la violencia. La obra, por lo tanto, no presenta dicha violencia como excepciones, sino como prácticas sistemáticas e institucionalizadas. Este enfoque se inscribe en la tradición naturalista inspirada en Zola, pero adquiere contornos singulares al denunciar problemas específicos de Brasil, como la persistencia de la miseria derivada de la sequía y el peso de las estructuras patriarcales. Desde la perspectiva crítica de Antoine Compagnon, *A Normalista* reafirma la oscilación entre la estética y el compromiso, funcionando simultáneamente como documento social y como construcción literaria. Caminha combina el determinismo naturalista con la crítica moral, demostrando que la literatura puede ser un instrumento de reflexión ética y política. Así, la novela trasciende su tiempo histórico, manteniendo su relevancia al abordar la violencia contra las mujeres y la desigualdad social, problemas aún presentes en el Brasil contemporáneo. En este sentido, *A Normalista* confirma la fuerza del naturalismo brasileño al retratar, de manera rigurosa y comprometida, los dilemas de una sociedad en crisis.

Palabras clave: Naturalismo. *A Normalista*. Sequía. Violencia Contra Las Mujeres.

1 INTRODUÇÃO

No período realista-naturalista, grande número de escritores se preocupou com a realidade concreta do país, sem as idealizações românticas. A busca de personagens e situações apropriados à confirmação das teses positivistas fez com que os escritores naturalistas dessem preferência a temas de patologia social: a miséria, o adultério, a criminalidade, os desequilíbrios psíquicos, as taras sexuais.

Para Samira Yousseff Campedelli (2001, p. 184),

De qualquer ângulo que se analise, o Realismo e o Naturalismo foram duas faces da mesma moeda. As duas tendências importou o comportamento humano, importaram as formas que se explicitam com base no meio e no ambiente em que existem, na hereditariedade que trazem desde a origem. Se o Realismo documentou apenas os aspectos que enxergou, o Naturalismo empenhou-se em marcar posições. Se os realistas preferiram tão-somente indicar forças psicológicas que guiam comportamentos, os naturalistas preferiram denunciar a exploração do homem e a sua consequente animalização.

De acordo com Ulisses Infante (2001, p. 297),

A exploração desses temas traduz o amoralismo da estética naturalista, interessada em analisar todas as podridões sociais e humanas sem se prender à reação escandalizada do público. Esse amoralismo, no entanto, restringe-se aos temas abordados e ao seu encaminhamento literário; os autores naturalistas visavam a finalidades moralizantes com seu trabalho, pois pretendiam denunciar as mazelas sociais como meio de colaborar para a reforma da sociedade.

A narrativa se desenvolve lentamente, devido ao acúmulo de detalhes necessário à criação de uma forte impressão de verdade.

Ainda consoante Infante (2001, p. 296),

Os personagens são cuidadosamente retratados, e suas ações são embasadas em dados de sua formação que as tornam justificáveis. O material narrativo é retirado do mundo contemporâneo ao autor, que busca com sua obra criar uma interpretação da vida social. Essa interpretação tem como finalidade integrar um esforço das ciências e das artes no sentido de uma reforma social.

A literatura naturalista brasileira, desenvolvida no final do século XIX, constituiu-se como um campo fértil para a análise das tensões sociais, morais e culturais de uma sociedade em processo de urbanização e de profundas transformações. Entre os autores que mais se destacaram nesse cenário está Adolfo Caminha, cujo romance *A normalista* (1893) figura como um dos mais significativos retratos da vida urbana de Fortaleza, evidenciando a miséria, a decadência social e a violência sofrida pelas mulheres.

A escolha desse romance para análise justifica-se não apenas por seu valor estético e histórico, mas também por sua capacidade de problematizar as contradições da sociedade brasileira do período. Ao articular o determinismo naturalista às condições específicas do espaço urbano nordestino,

Caminha expõe as mazelas sociais, a hipocrisia moral e os mecanismos de opressão que pesavam sobre as mulheres e as classes desfavorecidas.

A leitura de *A normalista* à luz das reflexões de Antoine Compagnon permite problematizar a função da literatura no entrecruzamento entre a autonomia estética e o engajamento social. Para Compagnon, a literatura não se limita a ser documento ou reflexo da realidade, mas também atua como discurso crítico que interfere no debate cultural e moral de seu tempo.

Nesse sentido, a obra de Caminha pode ser compreendida como um espaço de tensão: de um lado, inscreve-se nas convenções do Naturalismo, com sua ênfase no cientificismo, no determinismo e na hereditariedade; de outro, apresenta uma força crítica que desnuda as estruturas de poder, em particular no que diz respeito à condição feminina.

Um dos eixos centrais do romance é a exposição da miséria material e moral. Embora não se volte diretamente para o sertão marcado pela seca, como ocorre em *Luzia-Homem* de Domingos Olímpio, *A normalista* evidencia como a degradação social também se manifesta no espaço urbano. Fortaleza é retratada como uma cidade em transição, mas profundamente marcada pela desigualdade, pela pobreza e pela corrupção moral.

A seca, fenômeno recorrente no Nordeste, aparece de maneira indireta como elemento estruturante do contexto social. Ao migrar para as cidades, populações sertanejas empobrecidas carregam consigo os efeitos da miséria e da instabilidade econômica, compondo um quadro urbano heterogêneo e conflituoso que Caminha soube explorar em sua narrativa.

Contudo, o núcleo mais contundente da obra está no tratamento da mulher. A personagem Maria do Carmo encarna o alvo das pressões sociais, das expectativas morais e das violências que o patriarcado oitocentista impunha. Caminha a coloca no centro de uma trama que revela como a hipocrisia da sociedade burguesa se sustentava, em grande medida, pelo controle do corpo e da honra feminina.

A mulher, nesse contexto, aparece como vítima de uma moralidade seletiva. Enquanto os homens da elite desfrutam de liberdade e indulgência diante de seus desvios, a mulher é rigidamente vigiada, cobrada pela pureza e condenada ao menor indício de transgressão. Essa assimetria de gênero é um dos pontos mais fortes de crítica presentes em *A normalista*.

A violência contra a mulher no romance manifesta-se tanto em sua forma simbólica quanto em sua forma física. Maria do Carmo é alvo de boatos, perseguições e julgamentos sociais que refletem um sistema de opressão mais amplo. Ao expor esse quadro, Caminha antecipa debates que continuam atuais, sobre gênero, poder e violência estrutural.

A partir da ótica de Compagnon, pode-se compreender essa denúncia como parte da função social da literatura. A narrativa não apenas registra uma realidade, mas também a problematiza, abrindo

espaço para a reflexão crítica sobre os valores dominantes. O romance, assim, assume um papel de resistência e de revelação.

É relevante também destacar a posição de Caminha dentro do Naturalismo. Embora sua obra dialogue com Émile Zola e os princípios do romance experimental, ela se distingue pela ênfase no espaço regional e na crítica moral, evidenciando uma adaptação criativa do modelo europeu às condições brasileiras.

Nesse processo, a figura feminina ganha um lugar central. Ao invés de ser apenas um objeto de estudo científico ou de patologização, como em outras obras naturalistas, em *A normalista* a mulher aparece como o núcleo a partir do qual se revela a falência moral da sociedade.

A crítica literária tem reconhecido esse mérito da obra. Autores como Alfredo Bosi e Afrânio Coutinho ressaltam a força documental do romance, ao passo que outros estudiosos destacam sua dimensão crítica, que ultrapassa os limites do Naturalismo ao conferir protagonismo à análise das relações sociais.

O romance, portanto, não se limita a reproduzir mecanicamente os pressupostos deterministas, mas os utiliza como estratégia narrativa para aprofundar o retrato das tensões de gênero e das contradições sociais da época. Essa maleabilidade demonstra a riqueza da literatura naturalista brasileira em seu diálogo com a tradição europeia.

Em termos de contexto histórico, é preciso lembrar que o Brasil da década de 1890 vivia a transição para a República, marcada por incertezas políticas, tensões sociais e pela permanência de estruturas patriarcais e oligárquicas. É nesse cenário que Caminha escreve, captando o mal-estar de uma sociedade em mutação, mas ainda profundamente desigual.

Ao colocar em evidência a mulher e sua condição subalterna, *A normalista* revela como a questão de gênero se encontrava no cerne dessas contradições. A violência contra Maria do Carmo não é um episódio isolado, mas expressão de um sistema que perpetuava a opressão feminina como mecanismo de controle social.

Compagnon nos ajuda a compreender que a força da obra está justamente nessa capacidade de se situar entre o literário e o social. Caminha não escreve apenas para entreter, mas para tensionar, para provocar desconforto e para expor a degradação escondida sob a superfície da respeitabilidade burguesa.

Nesse sentido, o romance pode ser lido como um duplo testemunho: da estética naturalista em sua versão brasileira e da condição histórica da mulher submetida à violência e à exclusão. Esse duplo movimento confere à obra uma atualidade que ultrapassa o seu tempo.

A seca, a miséria e a violência de gênero, como eixos temáticos, permitem que a obra seja analisada não apenas como produto de uma escola literária, mas como documento crítico de uma sociedade em transição. Essa é a grande contribuição de Caminha ao Naturalismo brasileiro.

Diante disso, esta pesquisa propõe analisar *A normalista* de Adolfo Caminha sob a ótica de Antoine Compagnon, buscando compreender de que maneira a literatura, inserida nos pressupostos naturalistas, atua como denúncia e crítica social, com ênfase na questão da violência contra a mulher e na representação da miséria que atravessava a sociedade brasileira oitocentista.

2 METODOLOGIA

A literatura naturalista no Brasil, em fins do século XIX, constituiu-se como um dos espaços mais fecundos para a análise das tensões sociais, das contradições morais e dos dilemas que atravessavam a sociedade em transformação. No romance *A normalista* (1893), de Adolfo Caminha, encontramos um retrato contundente do cotidiano urbano de Fortaleza, onde a miséria, a seca e a violência contra a mulher se entrelaçam em uma narrativa de forte impacto social. O autor, atento às correntes naturalistas europeias, especialmente às formulações de Émile Zola, transpôs para o cenário brasileiro as marcas do determinismo e do cientificismo, mas sem abrir mão de uma dimensão crítica que denuncia os abusos e injustiças enraizados no tecido social da época.

Nesse sentido, a obra não se limita a reproduzir os cânones naturalistas; ela se insere também em um debate cultural e político mais amplo, denunciando a hipocrisia das elites e as formas de opressão que atingem de modo particular as mulheres. A seca, embora associada mais diretamente ao sertão nordestino, aparece como pano de fundo da miséria que se infiltra na vida urbana, mostrando que a vulnerabilidade econômica e a degradação social extrapolam os limites do campo e invadem a cidade. Caminha, ao dar voz e forma a esses dramas, cria um romance que é ao mesmo tempo documento histórico e obra estética.

Sob a ótica de Antoine Compagnon, é possível compreender *A normalista* como uma obra situada na tensão entre a autonomia da literatura e sua função social. Para Compagnon, a literatura não é apenas espelho da realidade, mas também força crítica que interroga o mundo. Caminha, ao narrar os abusos morais e físicos sofridos pela protagonista Maria do Carmo, revela a precariedade da posição feminina em uma sociedade patriarcal que, sob o manto da moralidade, perpetua violências de ordem simbólica e concreta. A leitura crítica que se delineia a partir dessa perspectiva transcende o simples relato naturalista e aponta para a literatura como denúncia.

O determinismo, marca fundamental do Naturalismo, aparece em *A normalista* não apenas como lei da hereditariedade, mas também como condicionamento social. A personagem feminina é moldada por um meio hostil e por uma sociedade que limita suas escolhas, enquadrando-a em padrões de pureza e submissão. A mulher, nesse universo, é vítima de uma moral hipócrita que a responsabiliza por manter intacta a honra familiar, ao passo que naturaliza os abusos cometidos pelos homens. Nesse aspecto, Caminha reproduz e, ao mesmo tempo, tensiona os paradigmas naturalistas, pois ao expor o sofrimento de Maria do Carmo evidencia as estruturas de poder que sustentam a violência de gênero.

A seca, por sua vez, embora não esteja no centro da trama, é elemento simbólico de grande força, representando a precariedade de uma região marcada pela desigualdade e pelo abandono das camadas populares. O ambiente urbano de Fortaleza, degradado e permeado pela miséria, constitui-se como reflexo dessa carência estrutural. A literatura naturalista, ao incorporar esse cenário, não apenas registra uma realidade social, mas também a problematiza, apontando para as contradições de um país que buscava se modernizar, mas permanecia preso a estruturas arcaicas de dominação.

A violência contra a mulher ocupa lugar central no romance e assume formas múltiplas: violência física, simbólica, psicológica e social. Maria do Carmo é vítima do assédio constante, da pressão moral e da culpabilização pela conduta masculina, configurando um retrato fiel da condição feminina na sociedade brasileira oitocentista. Essa representação não se restringe ao plano individual, mas assume dimensão coletiva, ao revelar a lógica de um sistema patriarcal que restringe as mulheres ao espaço doméstico e lhes nega autonomia. A denúncia de Caminha é, portanto, também denúncia social.

Ao associar a análise literária de Caminha com a teoria de Compagnon, pode-se perceber como a literatura naturalista brasileira não é apenas documento de época, mas espaço de crítica e reflexão. *A normalista*, ao expor as contradições sociais, questiona a moral vigente e evidencia os mecanismos de opressão, sobretudo aqueles voltados contra as mulheres. Trata-se de uma obra que, ainda que marcada pelo cientificismo e pelo determinismo, transcende os limites do Naturalismo estrito, aproximando-se de uma literatura engajada com os dilemas de seu tempo.

O romance também dialoga com a fortuna crítica que se construiu em torno do Naturalismo no Brasil. Críticos como Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi e José Aderaldo Castello destacaram a importância de obras como *A normalista* na constituição de uma literatura que, ao mesmo tempo que importava modelos europeus, também os adaptava às especificidades brasileiras. Caminha, ao narrar a realidade urbana de Fortaleza, criou um romance que é tanto um estudo de costumes quanto uma análise social profunda, revelando a complexidade das relações entre literatura, sociedade e política.

A análise da violência contra a mulher, nesse contexto, ganha destaque especial, sobretudo porque, no Brasil oitocentista, a literatura era um dos poucos espaços em que tais questões podiam ser tematizadas. Caminha, ao retratar a vulnerabilidade da protagonista, antecipa debates que só muito mais tarde se tornariam centrais nos estudos sociais e de gênero. Essa capacidade de revelar contradições da sociedade de seu tempo confere ao romance uma relevância que ultrapassa o contexto em que foi escrito.

Portanto, estudar *A normalista* sob a ótica de Antoine Compagnon é resgatar não apenas a dimensão estética da obra, mas também sua potência crítica. O romance, ao articular seca, miséria e violência contra a mulher, constitui-se em documento privilegiado para compreender o Brasil do século XIX.

XIX, ao mesmo tempo em que permanece atual pela maneira como denuncia desigualdades e opressões ainda persistentes.

3 ADOLFO CAMINHA – VIDA E OBRA

Adolfo Caminha nasceu em 29 de maio de 1867, na cidade de Aracati, no Ceará. Com a grande seca de 1877, mudou-se para Fortaleza, e de lá, para o Rio de Janeiro (1883), onde ingressou na Escola de Marinha. Lá, abraçou ideais abolicionistas e republicanos. Declarado guarda-marinha em 1885, no ano seguinte empreendeu viagem de instrução aos EUA, que narraria em *No País dos Ianques* (1894). Promovido a segundo-tenente, voltou para Fortaleza, onde se envolveu num rumoroso caso de amor.

Abandonando a Marinha, adentrou nos quadros do funcionalismo público, trabalhando na Tesouraria da Fazenda. Em 1893, participou da “Padaria Espiritual”, agremiação literária dos novos. Posteriormente, foi removido para o Rio de Janeiro, então capital do país, onde passou a conviver com escritores, jornalistas e intelectuais engajados nos debates culturais e políticos da época. Lá, escreveu e publicou o melhor de sua obra, e veio a falecer precocemente, vítima da tuberculose, em 1º de janeiro de 1897, aos 29 anos.

Apesar de sua curta vida, deixou uma contribuição significativa para a literatura brasileira, inserindo-se de maneira marcante no Naturalismo, corrente que dominava o cenário intelectual e artístico no final do século XIX, tendo levado a um grau extremo os traços dessa escola, sobretudo no realce dado aos instintos. Sua trajetória literária foi marcada por ousadia estética e temática, já que não temeu abordar questões polêmicas e socialmente sensíveis para sua época.

Entre suas obras, três romances se destacam como fundamentais: *A normalista* (1893), *Bom-Crioulo* (1895) e *Tentaçao* (1896). Cada um deles representa um esforço de Caminha em retratar diferentes aspectos da sociedade brasileira do século XIX, sob a ótica naturalista, mas com particular sensibilidade crítica. Embora menos lembrado em comparação a nomes como Aluísio Azevedo ou Júlio Ribeiro, Caminha se consolidou como voz singular dentro do Naturalismo brasileiro.

De acordo com Massaud Moisés (2016, p. 64),

Dentre os escritos brasileiros que aderiram às doutrinas naturalistas, talvez Adolfo Caminha tenha sido o que mais influências recebeu de Eça de Queirós. O autor de *Os Maias* pertencia ao rol dos mestres que a “Padaria Espiritual” venerava, e suas lições de estilo e de arte narrativa fizeram escola, deixando uma progénie que se estende até o Modernismo. Não surpreende, por isso, o impacto queirosiano. Entretanto, por uma espécie de afinidade eletiva, Adolfo Caminha o manifestou numa forma que, não sendo despersonalizada, é compacta, ao menos em *A normalista*.

O romance *A normalista* representa uma de suas obras mais emblemáticas. Ambientado em Fortaleza, denuncia a hipocrisia moral e os preconceitos de uma sociedade provinciana, explorando a vulnerabilidade da mulher diante de um meio hostil. A protagonista, Maria do Carmo, torna-se símbolo

das limitações impostas pelo patriarcalismo e pelas convenções sociais, revelando a preocupação de Caminha em problematizar a condição feminina.

Já *Bom-Crioulo* é, talvez, sua obra mais ousada e pioneira. Publicado em 1895, foi o primeiro romance brasileiro a tematizar explicitamente a homoafetividade, narrando a história de Amaro, um marinheiro negro, e sua relação com o jovem Aleixo. A obra causou escândalo e resistência na crítica de seu tempo, mas atualmente é reconhecida como marco da literatura brasileira por tratar de questões de sexualidade e raça de forma inédita e corajosa.

Em *Tentação*, Caminha voltou-se novamente para o universo feminino, explorando a vida de uma jovem seduzida e corrompida pela sociedade em que vive. O romance reafirma o interesse do autor pelos destinos trágicos de mulheres submetidas à opressão de normas morais rígidas, em um contexto que pouco lhes permitia autonomia.

A obra de Caminha, portanto, articula-se em torno de temas sociais de grande relevância: a condição da mulher, o preconceito racial, a marginalização da homoafetividade, a hipocrisia das convenções burguesas e a denúncia da violência simbólica e material contra os mais vulneráveis. Essa escolha temática evidencia seu compromisso com a crítica social, em sintonia com os princípios naturalistas, mas também com singular ousadia.

Enquanto escritor naturalista, Caminha seguiu o princípio do determinismo, explorando como hereditariedade, meio e circunstâncias moldavam os destinos humanos. Entretanto, diferentemente de alguns de seus contemporâneos, não se limitou ao mecanicismo científico, imprimindo em suas narrativas uma dimensão crítica que realçava as contradições sociais de sua época.

Sua escrita apresenta uma linguagem clara, direta e, por vezes, crua, condizente com os ideais naturalistas de retratar a realidade sem filtros. Essa objetividade não anula, contudo, o efeito literário de suas descrições, que muitas vezes revelam uma sensibilidade estética voltada a retratar tanto a beleza quanto a sordidez do cotidiano.

A recepção crítica à obra de Adolfo Caminha foi ambígua em sua época. *Bom-Crioulo*, em particular, recebeu ataques violentos por parte de uma crítica conservadora, que o acusava de imoralidade. Ainda assim, a audácia de Caminha garantiu-lhe um lugar no cânone literário como um dos escritores mais radicais de seu tempo. Hoje, sua obra é revalorizada não apenas por sua relevância estética, mas também por seu pioneirismo em abordar temas que continuam sendo debatidos na contemporaneidade.

Outro aspecto relevante da trajetória de Caminha é sua vinculação com o ambiente nordestino. Embora tenha se estabelecido no Rio de Janeiro, não deixou de inserir em sua literatura a marca de suas origens, como se observa em *A normalista*, cuja ambientação em Fortaleza fornece um retrato crítico da vida urbana na capital cearense no final do século XIX. Esse olhar regional aliado à crítica social confere ao romance uma importância particular no cenário do Naturalismo brasileiro.

O falecimento precoce de Adolfo Caminha interrompeu uma carreira promissora. Morreu aos 29 anos, vítima de febre tifóide, deixando esposa e três filhos. Sua morte privou a literatura brasileira de um autor que, certamente, poderia ter expandido ainda mais as fronteiras temáticas e estilísticas do Naturalismo no Brasil.

Apesar da brevidade de sua trajetória, Caminha permanece como figura incontornável no estudo do Naturalismo. Sua ousadia ao tratar de temas marginais e tabu para sua época revela não apenas coragem literária, mas também uma consciência crítica que antecipa debates futuros sobre gênero, sexualidade, raça e desigualdade social.

Assim, a vida e a obra de Adolfo Caminha configuram-se como expressão singular do Naturalismo brasileiro, marcada pela ousadia temática, pela crítica social e pela denúncia das contradições de sua época. Entre a literatura como documento e a literatura como transgressão, Caminha construiu um legado que, ainda hoje, continua a suscitar reflexões sobre a sociedade brasileira e sobre o papel da literatura na problematização de suas estruturas de poder e exclusão.

4 ANÁLISE DO ROMANCE *A NORMALISTA*

Publicado em 1893, o romance *A normalista* ocupa lugar de destaque na produção literária de Adolfo Caminha e insere-se no movimento naturalista brasileiro como uma obra marcada pela crítica social, pela denúncia da hipocrisia moral e pela atenção às condições adversas de vida no sertão nordestino.

Para Massaud Moisés (2016, p. 65),

Romance de costumes, urbano, na linha do Naturalismo ortodoxo, sem incidir nas demasias em que despencaram tantos de seus adeptos, *A Normalista* ressuma de quirosianismo, desde a primeira à última página. E não só pela linguagem, como, também, e sobretudo, pelo entrecho, provável reminiscência de *O Crime do Padre Amaro* [...]. Somente faltaria que a heroína também falecesse para que o seu destino repisasse o de Amélia. Se, no entanto, substituirmos João da Mata pelo Pe. Amaro e S. Joaneira por D. Teresinha ou a viúva Campelo, teremos o mesmo quadro social do romance queirosiano.

Muito influenciado por Eça de Queirós, Adolfo Caminha mostrou em *A normalista* a decadência da sociedade de Fortaleza. O enredo gira em torno da jovem Maria do Carmo, moça polida e educada, estudante de uma escola normal em Fortaleza, que se vê seduzida pelo padrinho, João da Mata (amanuense amigado com D. Teresinha) e envolvida em um ambiente marcado pela opressão patriarcal, pelas dificuldades econômicas e pela vulnerabilidade feminina diante das convenções sociais que ditavam os destinos das mulheres na sociedade oitocentista.

A trama acompanha a trajetória da protagonista desde sua chegada à capital cearense, com o intuito de completar a formação como professora, até o desfecho trágico de sua vida. Maria do Carmo é representada como uma personagem inocente e ingênua, presa a um universo social hostil que pouco

lhe concede liberdade de escolha. Ela se enamora de Zuza, de família aristocrática, mas acaba por se entregar ao padrinho; grávida, afasta-se da cidade (Fortaleza) para ter o filho, que morre ao nascer. Ao narrar sua experiência, Caminha evidencia o peso das expectativas sociais sobre a figura feminina, revelando as limitações impostas a mulheres que, mesmo instruídas, permaneciam sujeitas à vigilância moral e ao poder masculino.

O romance também se destaca por inserir no espaço narrativo a atmosfera do Ceará no final do século XIX, momento em que a seca se constituía como um dos fenômenos mais devastadores da vida social e econômica. Embora *A normalista* não seja uma “literatura da seca” em sentido estrito, a presença desse fenômeno natural emerge como pano de fundo que intensifica a experiência da miséria e da precariedade. A seca aparece como força desestabilizadora, responsável por deslocamentos populacionais e pela penúria que atinge grande parte da população, marcando os personagens com a sombra da fome e da exclusão social.

O romance foi mal recebido pela crítica e pelo público, notadamente de Fortaleza. Consoante Massaud Moisés (2016, p. 65),

O romance guarda os defeitos da semelhança com o modelo queirosiano e o de sujeitar-se, desde a configuração do drama doméstico, à teoria tainiana: jogando às claras, como pedia o credo naturalista, a narrativa gira em torno de uma situação construída logo nas páginas iniciais, e cujo desfecho é previsível, matemático. E tem as qualidades da linguagem, a movimentação segura dos figurantes, por vezes divisados nas meias-tintas da madrugada, enevoados de vapores etílicos, numa naturalidade espontânea, de um expressionista que se desconhecesse; um senso de medida e proporção, minúcias alinhadas com verossimilhança por uma retina que, sem perder de vista o ódio ao burguês de província e à cidade tacanha, busca a fidelidade do retrato.

Como evidencia o desenlace, mostrando Maria do Carmo de volta ao dia a dia anterior ao parto, reintegrada na Escola Normal, e noiva de um oficial de polícia, ataca-se a hipocrisia burguesa em que flutua a sociedade cearense do tempo, longe de um final feliz romântico.

Maria do Carmo se corrompeu, não com as leviandades de D. Teresinha ou da viúva Campelo, mas pelo anseio de casar e por acreditar, puerilmente, que, entregando-se ao padrinho, lograria o seu intento. Sua queda é verídica, impelida pela força do sangue e do sexo e pela atmosfera em que a sedução se processa. Afinal, o padrinho lhe prometia, com falas mansas, apoiar o casamento com Zuza (p. 167):

— Juro-te, continuou ele, juro-te que casarás com o Zuza, mas, por amor de Deus, deixa... ou não contes mais comigo para coisíssima alguma. Por alma de tua mãe, que está no céu. Olha, sou eu quem te pede... Ninguém saberá, o próprio Zuza não poderá saber nunca... É como se não tivesse havido nada, são segredos que não aparecem, sabes? Eu te peço...

Ela é a encarnação de um tipo humano ainda existente, a despeito da universal permissividade. Resolvendo seu problema às escondidas, a protagonista resguarda as aparências, como pediam as normas burguesas naquele contexto social.

A Normalista apresenta discrição no relato das cenas eróticas, em contraste com o desabrimento de certas falas, como pode se ver no excerto abaixo transcrito (p. 81):

– Você o que quer sei eu, seu cachorro! Você quer é abusar da menina e plantar-lhe um filho no bucho, seu grandis...

Para Massaud Moisés (2016, p. 67),

A discrição nas cenas de sexo não obriga à compostura teatral dos diálogos; antes, o verismo implica descontração coloquial ao mesmo tempo que contênia relativamente ao que se passa na intimidade, fora do alcance do romancista, ainda o mais onisciente, dentro dos padrões naturalistas.

Ao associar a narrativa individual de Maria do Carmo ao contexto mais amplo da seca e da miséria, Caminha constrói um quadro literário em que a condição feminina é apresentada não apenas como questão moral, mas também como questão social. A protagonista, órfã, é vítima de uma sociedade desigual, em que os efeitos da carência material agravam a submissão da mulher. A figura feminina, nesse contexto, acaba simbolizando uma espécie de vulnerabilidade extrema, duplamente determinada pela natureza e pela estrutura patriarcal.

A miséria que perpassa a obra não é apenas econômica, mas também moral e simbólica. Caminha denuncia a hipocrisia de uma sociedade que se sustenta em aparências, condenando publicamente comportamentos que, em privado, são constantemente violados pelos próprios membros da elite. O destino de Maria do Carmo revela essa contradição: a jovem é vigiada e julgada por todos os lados, sendo ao mesmo tempo objeto de desejo e de reprovação, o que escancara a perversidade de um sistema que impõe à mulher a responsabilidade exclusiva pela moralidade sexual.

A violência contra a mulher aparece como um dos eixos centrais da narrativa. Essa violência não se manifesta apenas de forma física, mas sobretudo simbólica e social, mediante a vigilância sobre o corpo e a honra femininos, reduzindo a mulher a uma posição de submissão. Maria do Carmo, como outras figuras femininas da literatura naturalista, é apresentada como vítima das circunstâncias, aprisionada em um destino do qual não pode escapar. A coerção masculina, as imposições familiares e o peso da opinião pública convergem para anular sua possibilidade de escolha, resultando em um percurso trágico.

Massaud Moisés (2016, p. 67-68) argumenta que

Pouco importa que razões de ordem pessoal impelissem o autor a erguer uma “narrativa de maldizer” à sociedade preconceituosa que jamais lhe perdoou o desassombro com que a enfrentou por ocasião do escândalo amoroso em que se envolveu. O azedume, se resulta de acidentes biográficos, não comprometeu a veracidade do traço: narrativa ao vivo, arrancada do cotidiano banal, como noticiário jornalístico, estreitando ao limite máximo o caráter documental.

Graças à sobriedade e às demais qualidades de autêntico ficcionista e escritor de garra, soube vencer num terreno moveidiço onde tantos dos contemporâneos submergiram. Em momento nenhum força a nota cônscio decerto de inventar menos que transpor, pela imaginação, os dados generosamente oferecidos pela realidade cearense. E assim, fundindo observação e fantasia, pôde realizar uma ficção que o situa entre os primeiros do tempo. Ao contrário de outros correligionários, a sua adesão aos postulados naturalistas decorria mais duma afinidade intrínseca que da solidariedade epidérmica e por moda.

E nem se diga que Adolfo Caminha convoca ingredientes sofisticados: clero dissoluto, educação romântica, sentimental, serões pelintras, debochados, corruptíveis, diretores de escola hipócritas, adultérios, prevaricações, venalidade política, histeria, moléstias de sangue, etc.; crítica à sociedade, à falsa moralidade, à província, o idealismo subterrâneo do narrador, etc. – tudo o que nos habituamos a ver na ficção naturalista lá se encontra, mas segundo um arranjo interno e uma simetria nada frequentes, dignos dum ficcionista de raça. Na verdade, dentre os seguidores do Naturalismo, Adolfo Caminha se notabiliza pela harmonização de forças antagônicas.

O naturalismo de Caminha se expressa, portanto, na articulação entre determinismo social e psicológico. O romance mostra que a mulher é moldada pelas forças externas — a herança cultural patriarcal, as condições econômicas da seca e a opressão moral. Assim, a trajetória de Maria do Carmo não pode ser compreendida de maneira isolada, mas como efeito de um meio social e histórico que a empurra inevitavelmente para a ruína. Esse aspecto reflete a visão naturalista de que o indivíduo é produto do meio, da hereditariedade e das circunstâncias, categorias que explicam o destino da personagem sem recorrer ao acaso.

– Todo fenômeno é consequência de uma causa. Não há efeito sem causa. No caso vertente a causa é a falta de educação, a falta absoluta de quem saiba dirigir a mocidade feminina. A nossa educação doméstica é detestável, os nossos costumes são de um povo analfabeto (p. 230).

O espaço urbano de Fortaleza também cumpre papel decisivo na narrativa. Diferente do sertão, mas igualmente opressivo, o ambiente da capital revela as tensões entre progresso e atraso, entre educação formal e preconceito social. A escola normal, que deveria representar uma possibilidade de emancipação feminina, surge paradoxalmente como espaço de vigilância e controle, reforçando a ideia de que o acesso à instrução não bastava para romper as barreiras impostas pelo patriarcalismo.

Nesse sentido, *A normalista* antecipa debates que seriam amplamente retomados na crítica feminista do século XX, pois apresenta a educação como promessa falida de emancipação e denuncia a violência simbólica sofrida pelas mulheres. A protagonista, ao tentar trilhar um caminho de formação e independência, acaba confrontada com a estrutura social que impede qualquer tentativa de libertação.

A figura de Maria do Carmo dialoga, portanto, com o arquétipo da mulher trágica no Naturalismo: vítima de forças que lhe escapam, é condenada a um destino de sofrimento e exclusão.

Sua condição remete a personagens de outros romances naturalistas, como Lúcia em *O Cortiço* ou Lenita em *O Mulato*, que igualmente enfrentam a repressão de uma sociedade que utiliza a moralidade como instrumento de controle.

Além disso, a seca e a miséria funcionam como elementos que extrapolam o plano naturalista e adquirem uma dimensão simbólica. Representam a esterilidade de uma sociedade incapaz de oferecer futuro para suas mulheres e sua população pobre. A devastação causada pela seca pode ser lida como metáfora da devastação moral e da impossibilidade de florescimento humano em meio a uma estrutura social excluente e desigual.

A crítica social de Caminha atinge, assim, múltiplos alvos: a hipocrisia da moral burguesa, a fragilidade das instituições educacionais, a perpetuação do patriarcalismo e a negligência diante da miséria agravada pela seca. A obra desvela as contradições de um país em modernização, mas que ainda se sustentava em estruturas arcaicas de poder e de exclusão.

Do ponto de vista estilístico, Caminha adota a objetividade naturalista, sem abdicar de uma forte carga crítica. A linguagem direta, a descrição de ambientes urbanos e a construção psicológica da protagonista reforçam a dimensão realista do romance, ao mesmo tempo em que conferem densidade ao drama feminino representado.

Em síntese, *A normalista* pode ser compreendido como uma denúncia vigorosa da condição da mulher na sociedade brasileira oitocentista, articulada com o contexto social da seca e da miséria no Ceará. Ao retratar a violência contra a mulher como resultado de estruturas sociais, Adolfo Caminha não apenas se insere no Naturalismo, mas também confere à literatura brasileira uma obra que ultrapassa sua época, permanecendo relevante para os debates contemporâneos sobre gênero, desigualdade e injustiça social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se a relevância de *A normalista*, de Adolfo Caminha, dentro do quadro do Naturalismo brasileiro, especialmente ao evidenciar como a literatura pode constituir um documento crítico da sociedade do século XIX. O romance, publicado em 1893, oferece uma radiografia contundente de um Brasil marcado pela desigualdade, pela miséria e pela violência estrutural, em particular contra a mulher.

Caminha, ao retratar o universo urbano de Fortaleza, não se limita a narrar a trajetória individual de uma personagem, mas inscreve sua protagonista em um contexto histórico e social que expõe os mecanismos de dominação e de exclusão que regiam a vida coletiva. A cidade torna-se palco de uma sociedade em decomposição moral, na qual os discursos da honra e da pureza coexistem com práticas de opressão, hipocrisia e exploração.

A seca, embora não apareça de forma centralizada como em romances regionalistas ambientados no sertão, permanece como um elemento estruturador da miséria e da migração, sendo o pano de fundo que empurra contingentes populacionais para as cidades. Este fluxo populacional acentua a desigualdade, multiplica os quadros de precariedade e cria um caldo social no qual a violência de gênero encontra terreno fértil.

A miséria, por sua vez, é retratada de modo multifacetado. Ela não se restringe à ausência de recursos materiais, mas se expande para uma miséria moral e simbólica, na qual a falsidade social, a corrupção e a exploração de corpos femininos compõem a paisagem cotidiana. Caminha denuncia, com rigor naturalista, o quanto as estruturas sociais aprisionavam o indivíduo em condicionantes inescapáveis.

Nesse sentido, *A normalista* articula o cientificismo e o determinismo herdados do Naturalismo europeu com uma sensibilidade própria ao contexto brasileiro. Caminha não apenas importa os modelos de Zola, mas os adapta a uma realidade que exigia dar visibilidade a problemas específicos, como a seca nordestina, o patriarcalismo e a violência contra as mulheres.

A protagonista torna-se um símbolo dessa condição. Sua trajetória é marcada não apenas pela repressão moral e pelos estigmas impostos pela sociedade, mas também por uma violência estrutural que reflete a subalternização da mulher na ordem patriarcal. A figura feminina, assim, encarna a vulnerabilidade, mas também a resistência em meio a um sistema que a marginaliza.

A análise sob a ótica de Antoine Compagnon ilumina essa dupla dimensão da obra: ao mesmo tempo documento social e construção estética. Compagnon destaca que a literatura oscila entre a autonomia e o engajamento, e Caminha situa-se nesse entremeio, uma vez que não abandona os pressupostos formais do Naturalismo, mas também não se limita a eles, projetando uma crítica moral e social contundente.

O engajamento de Caminha é perceptível na forma como o romance desnuda as contradições da elite urbana, sempre preocupada com aparências e reputações, mas disposta a perpetuar práticas abusivas contra os mais vulneráveis. Ao colocar a mulher como eixo de sua narrativa, o autor explicita a centralidade da questão de gênero no diagnóstico de uma sociedade doente.

A crítica literária que se debruça sobre *A normalista* tem ressaltado justamente essa capacidade do romance de articular estética e denúncia social. Nesse sentido, Caminha aproxima-se de outros naturalistas brasileiros, mas destaca-se por colocar a mulher como vítima exemplar das engrenagens sociais que operavam sob o véu da hipocrisia moral.

A violência contra a mulher, nesse contexto, não aparece como um acidente de percurso, mas como uma prática sistemática e legitimada pela ordem social. É a própria cultura patriarcal que autoriza e reproduz tais violências, reforçando a subalternidade feminina e a desigualdade entre os gêneros. Caminha, ao tematizar essa questão, antecipa debates que ainda ecoam na contemporaneidade.

O romance, portanto, funciona como uma denúncia de práticas sociais naturalizadas em seu tempo, mas também como um alerta para as gerações futuras, demonstrando que a literatura pode revelar estruturas de poder que permanecem ocultas sob discursos de moralidade.

Do ponto de vista estético, *A normalista* reafirma a força do Naturalismo brasileiro, mostrando que, mesmo em meio à importação de modelos europeus, foi possível construir obras originais, profundamente enraizadas na realidade nacional. Caminha alia rigor formal a um olhar crítico voltado para a sociedade que o cercava.

As considerações sobre a seca, a miséria e a violência de gênero ampliam a compreensão de que o romance naturalista não se limita a reproduzir teorias deterministas, mas também a interpretar, de maneira crítica, o contexto histórico em que está inserido.

O diálogo com Compagnon reforça a ideia de que a literatura deve ser entendida como prática cultural que transita entre o campo da estética e o campo da ética, nunca se restringindo a um deles. *A normalista*, nesse sentido, é exemplar, porque ao mesmo tempo que se insere na tradição naturalista, ultrapassa-a ao propor uma leitura engajada da sociedade brasileira.

As considerações finais nos permitem afirmar que a obra de Caminha é um testemunho da força da literatura como instrumento de crítica social. Seu romance não apenas descreve, mas denuncia e problematiza as estruturas que sustentam a violência e a exclusão.

Assim, *A normalista* não pode ser lida apenas como um retrato de sua época, mas como um texto que ainda nos interpela. Ao evidenciar a violência contra a mulher, Caminha coloca em pauta uma questão que atravessa séculos e que continua sendo de extrema atualidade.

As marcas da seca e da miséria, por sua vez, também permanecem como questões estruturais do Brasil, que, apesar de transformações, ainda se refletem nas desigualdades sociais contemporâneas. O romance, portanto, ecoa além de seu tempo histórico, mantendo-se relevante no debate sobre a formação social brasileira.

É possível concluir que *A normalista*, ao conjugar determinismo, denúncia social e crítica moral, inscreve-se como uma das mais significativas expressões do Naturalismo brasileiro. Sua atualidade reside justamente na capacidade de iluminar as contradições de uma sociedade marcada por desigualdades e violências, revelando a permanência de questões estruturais que desafiam a literatura, a crítica e a própria sociedade.

REFERÊNCIAS

CAMINHA, Adolfo. *A normalista: cenas do Ceará*. 7. ed. Fortaleza: Edições Demócrata Rocha, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

LITRENTO, Oliveiros. *O naturalismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira, volume II: do Realismo à Belle Époque*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2016.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Leite de. *O naturalismo brasileiro: determinismo, cientificismo e regionalismo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2010.

SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ZOLA, Émile. *O romance experimental*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.